

HISTÓRIAS DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS: ANÁLISE DE CARACTERÍSTICAS SUBJETIVAS E SÓCIO-HISTÓRICAS QUE PROPICIAM O ISOLAMENTO SOCIAL.

OLDER ADULTS' LIFE HISTORIES: ANALYSIS OF SUBJECTIVE AND SOCIO-HISTORICAL CHARACTERISTICS THAT PROVIDE SOCIAL ISOLATION.

HISTORIAS DE VIDA DEL ADULTO MAYOR: ANÁLISIS DE LAS CARACTERÍSTICAS SUBJETIVAS Y SOCIO-HISTÓRICAS QUE PROPORCIONAN AISLAMIENTO SOCIAL.

Patrícia Araújo Bezerra¹
José Walter Nunes²
Leides Barroso de Azevedo Moura³

Resumo

Este artigo apresenta histórias de vida de pessoas idosas residentes no Distrito Federal com o objetivo de analisar as características subjetivas e sócio-históricas que propiciam o isolamento social desta população. Como metodologia foram entrevistados nove indivíduos acima de 60 anos pelo método da história oral. Os resultados mostram que sentimentos de desconexão com a família e a comunidade, pouca troca intergeracional, luto, falta de dinheiro, baixa esperança de vida futura são características associadas a um maior isolamento. Como conclusão é possível informar que características como fé, trabalho, relacionamento afetivo, autossustento e prospecção de futuro são relacionados a menor isolamento social.

Palavras-chave: Envelhecimento. Isolamento Social. Solidão. Ageísmo.

Abstract

This article presents the life histories of older adults living in the Federal District to analyze the subjective and socio-historical characteristics that lead to the social isolation of this population. As a methodology, nine individuals over 60 years were interviewed using the oral history method. The results show that feelings of disconnection from family and community, little intergenerational exchange, mourning, lack of money, and low future life expectancy are characteristics associated with a higher level of isolation. In a conclusion, it is possible to inform that characteristics such as faith, work, affective relationships, self-support, and prospects for the future are related to low social isolation.

Keywords: Aged. Social Isolation. Loneliness. Ageism.

Resumen

Este artículo presenta las historias de vida de los adultos mayores residentes en el Distrito Federal con el objetivo de analizar las características subjetivas y sociohistóricas que conducen al aislamiento social de esta población. Como metodología se entrevistó a nueve individuos mayores de 60 años utilizando el método de la historia oral. Los resultados muestran que los sentimientos de desconexión de la familia y la comunidad, el escaso intercambio

¹ Docente do Centro Universitário do Distrito Federal (UDF/DF) e pesquisadora do Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LAIS/UFRN). E-mail: pat.araujobezerra@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2696-576X>.

² Docente. Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Brasília, DF, Brasil. Pós-Doutorado em Estudos sobre Cinema, História e Memória, pela Universidade de Buenos Aires. E-mail: nunesjw@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0827-3882>.

³ Docente. Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Brasília, DF, Brasil. Pós-Doutorado em Global Health Education at Weil Cornell Medical College. E-mail: leidesm74@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1208-4569>.

intergeracional, el duelo, la falta de dinero y la baja esperanza de vida futura son características asociadas a un mayor nivel de alistamento. En conclusión, es posible informar que características como la fe, el trabajo, las relaciones afectivas, la autosuficiencia y la proyección de futuro se relacionan con el bajo aislamiento social.

Palabras clave: Envejecido. Aislamiento social. Soledad. Edadismo.

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O atual contexto do envelhecimento no Brasil, com o aumento da longevidade e da ampliação da desigualdade social, gera uma maior preocupação em compreender como essa população tem vivido e experimentado a idade mais tardia da vida. Isto porque o segmento populacional que mais aumenta no Brasil é o de idosos e, de acordo com as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), em 2060 eles serão 73 milhões de indivíduos, representando 32,17% da população brasileira.

Em um país que cursa com imensas desigualdades sociais (LIMA-COSTA, 2018), com tendência ao empobrecimento na velhice, experiências de vida em cidades violentas, inequidades nos acessos a moradias, lazeres e aos serviços de saúde, pode-se afirmar que apesar da maior longevidade, as formas de vida na idade avançada estão longe de serem homogênea (NUSSBAUM; LEVMORE, 2017). Entre as potencialidades para garantir uma vida mais digna nesta fase está a manutenção das redes de sociabilidades. Ou seja, vínculos, alianças, redes de solidariedade que possuem um simbolismo fundamental para a vida social (MAUSS, 2003).

Em linhas gerais, o contrário disso seria a ausência ou escassez de interações sociais, o que é denominado isolamento social. Este fenômeno tem sido retratado pela Organização Mundial de Saúde (2017) como um problema concreto que demanda esforços para ampliar as capacidades de participação social. Alguns estudos revelam que um número muito reduzido ou ausente de relacionamentos e interações interpessoais, quando não ocorre por vontade, pode ocasionar redução do bem-estar, aumento da mortalidade e maiores problemas de saúde.

Os fatores que levam ao isolamento social são amplos e, normalmente, possuem íntima relação com as questões culturais, políticas de bem-estar social, fatores sociodemográficos, estrutura e dinâmica das cidades, migração, condições de saúde e engajamento individual e coletivo nas comunidades (Autora, 2021).

Diante desta realidade, o estudo que dá origem a este artigo foi realizado na capital do Brasil. O objetivo é apresentar histórias de vida de pessoas idosas residentes no Distrito

Federal e analisar as características subjetivas e sócio-históricas que podem propiciar o isolamento social desta população. Ao procurar compreender quais elementos são significativos para mais ou menos interações sociais, torna-se possível contribuir para ampliar a promoção de políticas que busquem espaços de sociabilidade e de interação entre idosos, famílias e cuidadores de forma mais orgânica.

Parte-se das hipóteses de que o envelhecimento na capital do Brasil é marcado por expressivas diferenças econômicas e sociais que impactam de modo heterogêneo nas histórias de vida (MARMOT; ALLEN, 2014). Além disso, entende-se que quanto mais longeva for a pessoa idosa, maior será o risco de interações sociais com frequência reduzida (FAUSTINO; MOURA, 2014), o que pode ser influenciado pelos aspectos subjetivos (BHABHA, 2005). E, por fim, analisa-se que os preconceitos relacionados à idade avançada, como o ageísmo, também conhecido por idadeísmo, ampliam as barreiras de inserção social dos adultos idosos reproduzindo o envelhecimento como problema social (BUTLER, 1980).

Utiliza-se o constructo ageísmo, termo cunhado por Robert Butler (1980), porque possibilita explicitar a narrativa social cravada tanto nas falas populares quanto nos âmbitos societários mais amplos, das políticas e instituições, que compreendem o envelhecimento como algo negativo. Este autor afirma que o ageísmo está dentro da mesma lógica ou sistema de opressão que o racismo e sexismo, e indica três aspectos problemáticos inter-relacionados com a velhice: 1) atitudes preconceituosas em relação às pessoas idosas, à velhice e ao processo de envelhecimento, muitas vezes mantidas pelos próprios idosos; 2) práticas discriminatórias, particularmente no emprego, mas que envolvem outros papéis também; e 3) práticas e políticas institucionais que perpetuam crenças estereotipadas sobre os mais velhos, reduzindo suas oportunidades de vida satisfatória e, por vezes, minando sua dignidade pessoal (BUTLER, 1980).

Essa realidade de opressão, datada em outras palavras por Simone de Beauvoir desde a escrita do clássico *A Velhice* em 1970, marco nos estudos etários, (1990), revela o quão antiga é a dificuldade dos seres humanos em lidar com os idosos, desde as sociedades arcaicas. Apesar dos diversos registros históricos que mostram os mais velhos como os guardiões da sabedoria e protetores da comunidade, neste imenso levantamento etnográfico a principal revelação consta não disso, mas o quão maior é o número de sociedades, comunidades e tribos que negligenciaram seus anciões e os relegaram a uma vida indigna.

Na sociedade contemporânea os desafios não são diferentes. É necessário que cada sociedade identifique como e quais fatores em sua comunidade têm o potencial de figurar como um elemento de opressão. É com este arcabouço reflexivo, portanto, que o presente estudo pretende colaborar. Com a compreensão e análise em profundidade das histórias de vida narradas pelos próprios idosos, os resultados deste artigo poderão evidenciar dinâmicas, fatores sociais, culturais, históricos e subjetivos que contribuem para ou impedem uma vida mais satisfatória no tocante às interações sociais na idade avançada.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo qualitativo desenvolvido na região metropolitana da capital do Brasil, Brasília. O público-alvo foi composto por pessoas idosas acima de 60 anos. Dada a natureza do objeto, o método escolhido foi qualitativo e a entrevista em profundidade, semiestruturada, como técnica de coleta das informações. Na entrevista, utilizou-se o referencial teórico metodológico da história oral, com ancoragem no método de interpretação dialético e quadro de referência teórica do ageísmo.

Optou-se por história oral porque a matéria são relatos de experiência das pessoas, o que aciona o conteúdo da memória. Esta, quando ativada, possibilita um processo de rememoração e reconstrução de elementos da história de vida através da oralidade (BENJAMIN et al., 1983; MAGALHÃES, 2013).

Para compor uma amostra variada, recrutaram-se os participantes da pesquisa em Instituições de Longa Permanência para Idosos, cursos de extensão Universitária e centros de prestação de serviços e atividades físicas para pessoas idosas. Todos estes estabelecimentos prestam serviços a idosos de diversos setores residenciais e de variadas classes sociais. Os serviços foram contatados previamente pela equipe de pesquisa para obter permissão para a realização do estudo, bem como colaboração no encaminhamento dos indivíduos a serem entrevistados. Após a anuência dos participantes, foi iniciada a coleta de dados.

Foram incluídos na pesquisa somente indivíduos maiores de 60 anos, que não apresentassem alteração cognitiva, não fossem acamados ou em condições de saúde precária. A equipe de pesquisa frequentou os serviços durante seis meses. Não houve recusas das pessoas idosas. Encerrou-se a coleta de dados quando se avaliou a saturação das informações coletadas.

A escolha destas pessoas teve relação com a disponibilidade de realizarem entrevista em profundidade. Não foram selecionadas pessoas exclusivamente pelo potencial de isolamento social, mas, pela disponibilidade de contar histórias e, entre elas, a história de suas vidas de interação social.

As entrevistas realizadas possuíam um roteiro semiestruturado, contendo questões sobre dados demográficos, familiares, histórico de infância, adolescência, vida adulta e idosa. A pergunta aberta norteadora foi: “Como você percebe a sua vida de interação social com outras pessoas?”. O roteiro foi utilizado para auxiliar na manutenção do foco da pesquisa.

Todos os encontros foram gravados e em seguida as entrevistas foram transcritas, categorizadas e analisadas com base na metodologia da história oral (BENJAMIN et al., 1983) por meio das seguintes etapas (BARDIN, 2010): a) pré-análise – realizou-se a organização do material a partir de leitura e releitura, em que foram anotadas semelhanças, contrastes e divergências; b) exploração do material – momento em que as entrevistas foram separadas por categorias temáticas, classificadas e agrupadas por temas a partir da comparação entre os enunciados e de identificação de conceitos próximos ou que contrastassem e; c) tratamento dos resultados – quando foram realizadas as interpretações, apresentados os resultados e discussão do estudo. Para o presente artigo, manteve-se a fala dos entrevistados sem ajustes ortográficos.

Utilizou-se como base teórica de análise o constructo ageísmo que possibilita identificar nas narrativas os possíveis relatos de opressão e preconceito, que entendem o envelhecimento como algo negativo o que, por sua vez, pode influenciar as experiências de interação social e vida ativa. Buscou-se identificar nas histórias de vida os sentidos atribuídos pelos entrevistados à cada etapa de vida passada e, como isso influenciou na interação social que possui na idade de adulto idoso. Os achados foram dialogados com a literatura científica correlata. Ao final, elaborou-se uma síntese interpretativa com finalidade de responder o questionamento do estudo.

A pesquisa cumpre os princípios éticos contidos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº. 466 de 2012 e suas complementares, de modo que a todos os participantes estão assegurados o seu anonimato, com nomes fictícios, e, por isso, assinaram anuência ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília, sob o número CAAE: 14105119.0.0000.0030.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussão deste artigo estão organizados em quatro tópicos:

- 1) **Apresentação dos protagonistas** – de forma resumida, são apresentadas as nove pessoas entrevistadas e questões contextuais gerais dos indivíduos, de forma a colaborar na compreensão do leitor para as análises que se seguem.
- 2) **Retratos do passado: memória e histórias de vida** – são debatidas, também de forma resumida, as categorias temáticas: trabalho na infância, adolescência e vida adulta; vida de luta ou de privilégio; migração; diferenças entre homens e mulheres; construção de família e filhos.
- 3) **O presente** – são problematizadas as seguintes categorias: vida cotidiana; família e amigos; estar só, solidão e isolamento e sentir-se idoso.
- 4) **Temporalidades transversas: o futuro é agora** – são debatidas as categorias: tempo de vida; morte; expectativa de futuro.

1) Apresentação dos protagonistas

a) Naiara, 65 anos

De Pirapora, Minas Gerais, chegou em Brasília quando “*aqui ainda não existia nada*”. Moradora da Cidade Livre, atualmente Núcleo Bandeirante, conta que à época da construção da nova capital ainda criança. Acompanhada da mãe e da tia, viu a cidade ser construída de longe. Moradora de um barraco cresceu determinada a permanecer neste território: “*sempre gostei muito de Brasília*”. Estudou por meio da igreja, pois não tinha certidão de nascimento, e teve acesso ao serviço público mais tardiamente. Não se casou, não teve filhos e sofreu bastante com o falecimento acidental da mãe e, depois, da tia, que a deixaram “*desorientada*”. Como forma de seguir em frente, decidiu fazer ensino superior e, conforme relata: “*me ocupou, ocupou muito*”. Ativa também no trabalho voluntário para apoio às pessoas doentes, adoradora silenciosa na igreja, carrega consigo o que chama de “*forte sentimento de gratidão*”.

b) Antenor, 82 anos

Nascido em Canoinhas, Santa Catarina, de família numerosa, com a morte precoce de seu pai, passou a trabalhar ainda muito jovem para o sustento da família. Segundo afirma: “às vezes eu chorava à noite, de cansaço, de molhar o travesseiro”. Com a juventude árdua, mudou-se para Brasília no início da vida adulta, após convite para trabalhar em um banco, como uma oportunidade de melhoria de vida. Casou jovem e constituiu matrimônio por 55 anos. Uma relação familiar tradicional, que gerou filhos na cidade de Brasília. Homem de fé, dedicou a maior parte de seu tempo e sua vida, desde a aposentadoria, para o seu “compromisso com Cristo”: “eu oro das três, quatro horas da manhã até as onze horas (...) e, a partir das quatro da tarde (...) mais duas ou três horas”.

c) Esmeralda, 85 anos

Nascida em uma fazenda, próxima de Formosa, Goiás, chegou ao que viria a ser o Distrito Federal antes da construção de Brasília. Moradora da região hoje conhecida como Sobradinho, cresceu em barraco e, conforme relata: “era uma vida escravizada”. Não teve acesso à escola, trabalhou na roça e cuidou da casa de algumas “donas”. Casada muito jovem, teve grandes perdas em sua vida: tornou-se viúva e viu falecer três filhos. Diz que apesar do muito sofrimento pelo qual passou teve “a cabeça firme”. O que a sensibiliza na atualidade é o fato de, apesar de ter tido muitos filhos, encontrar-se só: “agora eu tô só, né?”. Para se amparar neste momento, cuida da casa, das galinhas, liga o rádio e espera uma visita. Segundo ela, caso soubesse ler, a Bíblia seria um refúgio.

d) Malena, 68 anos e Delfino, 72 anos.

Nascidos em locais e famílias de tradições diferentes, o destino cruzou a história deste casal ainda na juventude, cuja relação só pode ser contada a partir da vida de ambos, não apenas de um. Ele, nascido em Itapagipe, Minas Gerais, de família “conservadora” (E.5), foi criado na roça e iniciou o trabalho desde a infância. Ela, nascida em Minas Gerais e criada no Rio de Janeiro, capital, teve uma vida mais confortável e viveu toda a infância e a maior parte da juventude em uma família mais “liberal” (E.4). Brasília foi o local que deu origem ao casal. A união, que de início não foi bem aceita por alguns membros familiares, frutificou: seis filhos, 34 netos e quatro bisnetos. Além dos frutos humanos, trabalharam juntos nas mais diferentes

áreas: feira de rua, loja de automóveis, comércios diversos e, atualmente, são donos de uma casa de eventos.

e) Ádria, 82 anos.

Nascida em Barreiras, na Bahia, chegou em Brasília com 22 anos, com a “*cara e a coragem*”. Atuou como professora de escola primária e secundária e morou, inicialmente, em um pensionato. Uma sucessão de acontecimentos em sua história mistura-se com a de seus irmãos, que ela chama de filhos, com a seu do marido e do seu filho legítimo. Segundo afirma, a sua vida foi “*mesmo aquela vida de luta*”. De muita responsabilidade pelo cuidado familiar, assumiu uma postura matriarcal, responsabilizando-se, em Brasília, por vários dos seus irmãos. Profissionalmente, vivenciou o maior tempo das suas atividades como secretária na Universidade de Brasília. Entretanto, as dificuldades financeiras fizeram parte de sua trajetória e, conforme relata: “*o dinheiro que não vinha, o dinheiro que não dava*”. Após alguns poucos anos de casada, o marido foi diagnosticado com esquizofrenia. Conforme relata: “*a minha vida toda foi essa, além de criar seis irmãos, ainda fiquei com um marido doente, entendeu?*”. A morte precoce do seu filho legítimo aos 43 anos, também esquizofrênico, foi outra surpresa desagradável. Com uma “*fé inabalável*”, segue a vida “*com coragem, com responsabilidade*”.

f) Ângelica, 73 anos.

A história dela parece iniciar aos dez anos quando chega em Brasília. O pai, convidado pessoalmente por Oscar Niemeyer, vem para ajudar a construir a capital como engenheiro calculista. O encanto pela vida no Plano Piloto logo tomou conta: “*tudo era prazeroso, muito prazeroso, essa vida de liberdade*”. Com acesso a boas escolas tornou-se professora dos filhos da elite brasiliense. Entre histórias de casamento, separação e novos casamentos, constatou que: “*(...) eu era tão independente, tão revolucionária, querendo mudar o mundo eu pensei: gente, eu devo ser mandona, eu vou querer morar é sozinha, que eu não vou querer que mandem em mim (...)*”. Ao envelhecer, segundo ela, partiu na busca de “*um lugar para ficar e ser feliz*”. Decidiu residir em uma Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas (ILPI) e afirma que sua vida “*mudou para melhor*”, em função da convivência social. Os filhos não aceitam muito bem esta opção, mas Angélica parece estar decidida.

g) José, 75 anos

Nascido em uma região do interior do Ceará, contada por ele como Ribeira do Mirim, afirma ser de berço pobre, da lavoura e da agricultura. Homem de pouco estudo formal, precisou trabalhar desde cedo para o próprio sustento. Intitula a sua história como a de “*um guerreiro lutador*”. Após anos de trabalho, conseguiu juntar um dinheiro e com um “*capitalzinho no bolso*” foi conhecer o mundo. Morou em inúmeras cidades brasileiras. Afirma ter passado por fracassos e vitórias e, entendeu como o mundo pode ser um grande professor. Revela que se dirige para Brasília com a família e afirma: “*(...) aí não tive mais carreira, que já vim pobre, as altas empresas que tinham renovado, estavam trabalhando, cada um tinha seus altos empresários, bons homens capitalistas e eu não tive mais chance*”. Atualmente, se vê prisioneiro do próprio corpo, um “*leão amarrado*” sem dinheiro.

h) João, 87 anos

Nascido na Chapada dos Guimarães, Mato Grosso, inicia a entrevista relatando que a ocasião do seu nascimento foi determinante para a sua “*deficiência*”. Como um bom contador de histórias, diz que nasceu em um tempo de geada, no meio de uma festa e, para o pai apresentá-lo como homem a todos, o “*levou na friagem*”. A consequência disso, implicou ressignificar sua condição durante toda a vida e o fez ser quem é. Com bastante determinação, foi construindo seus caminhos e, para tanto, utilizou-se do seguinte provérbio: “*o que não tem jeito já tá pronto*”. De tal forma que aplicou isso na sua “*dificuldade e na própria vida*”. Aprendeu inúmeros ofícios manuais e se consolidou profissionalmente como um negociante de documentações de terras. Com isso, conseguiu “*ganhar dinheiro*”, o que oportunizou cuidar da família que constituiu.

2) Retratos do passado: memórias e histórias de vida

Apresentadas as personagens desta pesquisa, pretende-se seguir a uma análise em maior profundidade de suas narrativas. Principiando-se pelas lembranças de infância, os marcos da juventude e os da vida adulta, é possível acessar estas histórias do passado para, na atualidade, compreender melhor suas trajetórias.

De antemão, entretanto, é necessário esclarecer que descrever e analisar as histórias narradas pelos entrevistados desta pesquisa é, antes de tudo, assumir o que Walter Benjamin (2012) afirma sobre as narrativas: elas normalmente prescindem de muitas explicações, pois

são provenientes de experiências do passado, abertas ao devir histórico, às vezes em versões miraculosas e extraordinárias, e não se pretendem vir acompanhadas de tantos esclarecimentos. De tal forma que estão como que embutidas na própria narrativa, os conselhos, as sabedorias, o dito e o não dito.

Nos relatos, os narradores e as narradoras apresentaram sua primeira infância com alguma dificuldade, retratando poucos momentos longínquos e, usualmente, associados a algum marco familiar. Apresentam toda a infância com frases sintéticas, onde procuram evidenciar pontos mais marcantes.

As memórias desse passado, do nascimento e da primeira infância, refletem o vivido em vários anos, que são aproximadamente no período de 1932 e 1954, considerando-se as datas de nascimento dos pesquisados. Pela aproximação das idades, entende-se que pertencem à mesma geração ou a gerações muito próximas. Na história oficial do Brasil, eles estavam vivenciando os períodos que correspondem a época do governo getulista, a Era Vargas, seguida do período democrático com eleições presidenciais sucessivas e o suicídio do próprio Getúlio Vargas (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

Entretanto, para além dessa história oficial, há a história dos socialmente pequenos (BOSI, 1994). As referências ao pai como provedor, os registros majoritários de uma vida difícil, o trabalho na infância e, excepcionalmente o contrário, a experiência de uma boa vida como criança, apesar da luta, é o que se traduz dos trechos da história do que cada um viveu à época.

Como afirma Bosi (1994), a criança recebe do passado não apenas dados da história escrita, mas histórias contadas frutos do seu processo de socialização que, de outra forma, não haveria memórias, apenas lembranças abstratas. Isso porque, a capacidade de descrever a matéria lembrada retém e reforça as lembranças e, conforme explica Chauí (1979), consolida a significação dada assim como ela foi contada anteriormente. Ou seja, lembrar não é necessariamente reviver, mas refazer, refletir e compreender no agora, a partir do outrora, e repassar adiante esta nova versão da história.

Conforme Nancy Magalhães (2013) ensina, ultrapassar os limites da documentação estabelecida, normalmente circunscrita a contextos e grupos sociais dominantes, possibilita entender infinidades de outras trilhas e travessias do social. A pluralidade de vozes registra diversas historicidades e possibilita minimizar o monopólio dos saberes centralizadores.

Outro elemento interessante percebido nesta etapa da análise, é que ao contrário dos homens, as entrevistadas mulheres abordaram com maior detalhamento o seio familiar e

apresentaram o casamento como entrada na vida adulta jovem. Muitas vezes o casamento foi associado a um outro marco da vida delas, como por exemplo, deixar de estudar ou trabalhar.

Estas trajetórias, em que constam diferenças importantes na forma como as mulheres e os homens viveram, são significativas e influenciam suas vidas como pessoas adultas. Os relatos dão uma dimensão dos percursos que cada um viveu. Ao apresentarem logo no início da entrevista temas como: o trabalho infantil, processos de migração, vida laboral, casamentos, filhos, necessidade de sustento familiar, procuram evidenciar por meio da oralidade os sofrimentos, as histórias de superação e, mais que isso, o contexto inicial que conformou suas existências. A sensação de todos os entrevistados é que tiveram uma “vida de luta” e, ao narrarem, o fizeram apontando os percalços pelos quais passaram para chegarem no momento do presente, onde encontram-se como adultos idosos. Compreender este passado é necessário para perceber como eles se sentem hoje. E, assim, analisar com maior detalhamento elementos que puderam influenciar em suas subjetividades e suas vidas de interação social enquanto idosos.

3) O presente

Até então, todos os fatos se deram no passado. A partir deste momento, no entanto, as memórias e histórias dos narradores começam a ser apresentadas no presente, considerando-se a ocasião da entrevista. Ou seja, são abordadas suas perspectivas de pessoas mais idosas e como tem sido o dia a dia de interação social.

Desde já, é possível revelar que na narrativa oral, no entanto, o passado aparece todo o tempo reinscrito no presente como forma de problematização (NUNES, 2005). Da mesma forma, não é possível identificar um todo completo, uma verdade única e inexorável em suas histórias, até mesmo porque qualquer reconstrução do passado somente é possível por meio de fragmentos – orais, visuais, escritos, estatísticos, entre outros – a partir do presente. Em nenhuma das narrativas foi encontrado o solitário, o isolado, o negligenciado, como um todo em si. Em grande medida porque a vida de luta não se esgotou, mas se ressignificou no tempo presente.

Como afirma Simone de Beauvoir (1990), é extremamente raro encontrar a velhice em estado puro. Em praticamente nenhuma das entrevistas há a verdade dolorida sendo explícita abertamente para ser analisada. Então, o que se tem são indivíduos que apresentam as

contradições de suas histórias de vida e, por meio delas, busca-se entender o que foi narrado, do jeito que foi dito ou ocultado.

Relatos de vida familiar e de amigos, o sentir-se idoso, a solidão ou o isolamento social natural ou obrigatório, questões financeiras, religião e moradia são mais abordados a partir deste momento. A seguir, serão apresentados sequencialmente trechos das entrevistas, pois representam quase como um balanço de vida dos narradores. Para iniciar têm-se os relatos da Esmeralda, Naiara e Alda, em que cada uma apresenta uma reflexão do tempo do “agora”:

Hoje eu tenho 85 anos, mas ainda faço minhas coisas, arrumo minha casa como eu posso, depois vocês podem entrar aí na minha casa, é tudo ok, sabe? (...) uma parte eu sou feliz, porque tudo que eu tinha vontade de conseguir, eu consegui. Mas uma parte eu sinto triste, porque hoje eu fiquei só, né? Eu tive 21 filhos, aí criei 14, já criei nove neto, agora parei (...) Não dou conta. Deus disse “cresceis e multiplicais”, eu multipliquei muito. Esmeralda.

Eu nunca imaginei que ia chegar nos sessenta anos, porque a gente nunca imagina chegar nos sessenta. Todo mundo dizia “você vai aposentar, o que você vai fazer, você não tem filho, você não tem marido, não sei o que” aí eu fiquei assim, fiquei pensando “será que é mesmo?”. E aí eu consegui, nunca senti nada daquilo que o povo previu, não tive nada disso. Não tive tristeza...(...) eu não sei por que eu tive que lidar sempre com ter que sobreviver sozinha. A partir dos sessenta anos, eu comecei a verificar e ser mais agradecida, ter gratidão pela vida, né? Pelas coisas. Que isso é muito bom, isso preenche muito a gente, a gratidão. Naiara

Depois dos setenta anos eu comecei a viver pra mim, aí todo mundo já tem seu canto, os filhos [os irmãos] já estão crescidos, não precisa mais daquele, de eu pegar, passear, ir pra aqui, pra acolá com eles, ir pra zoológico com a menineira danada, entendeu? (...) Aí pronto, depois dos setenta anos eu comecei a viver pra mim, aí eu vou pra aqui, pra acolá, vou pra missa, vou numa igreja, vou noutra, converso com um, converso com outro, vivo a minha vida. Ninguém se mete na minha vida, entendeu? Vou lá na Marinha, levo meu marido. Então minha vida é minha vida. Ádria

Como afirma Beauvoir (1990, p.8), “nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisível que a velhice”. Em três histórias de vida bastante distintas, pode-se observar que: se por um lado a Esmeralda teve muitos filhos, para o momento do presente, não houve garantias para ela de um convívio social que a preencha. Encontra-se sozinha na maior parte do tempo. Possui um menor número de interações sociais do que gostaria. Pode-se dizer que vive um isolamento social.

Por outro lado, Naiara, nunca se casou, não teve filhos, perdeu mãe e a tia quando adulta, mora sozinha e, como fala, parece ter aprendido o mistério da vida a sós. Vida social e experiências subjetivas diferentes. Naiara, ao falar em gratidão parece que revela o seu segredo para manter-se firme. Mas agradecer por tudo o que foi no passado, parece não resolver para a Esmeralda. O que as separa, além dos quase vinte anos de diferença entre as idades?

Naiara está em uma etapa mais jovem do envelhecimento. Parece que Esmeralda se encontra no que Beauvoir (1990) reforça quando afirma que os velhos não têm arma nenhuma, e que seus problemas são estritamente um problema de adultos ativos. E, portanto, estes são os que decidem de acordo com seu próprio interesse, prático e ideológico, sobre o papel que convém conferir aos mais velhos. Já Naiara, apesar de aposentada, parece não ter perdido sua capacidade produtiva, não depende de ninguém e é engajada em um processo de interação social.

Ádria, por outro lado, que possui marido vivo, porém doente, além de ter sofrido a perda prematura do único filho legítimo, relata viver nesta etapa da vida uma certa tranquilidade, coisa nunca vivida antes. Após anos de luta para garantir o sustento familiar e dos seus irmãos, que chama de filhos, o sossego parece ter chegado. Ao detalhar sua rotina se aproxima de Naiara, pois, parece viver com mais leveza esta fase. Entretanto, é preciso evidenciar que mesmo assim, parecem estar longe de uma vida ativa que as coloque grandes novidades.

O que estas três mulheres idosas entrevistadas possuem de semelhanças é a necessidade que sentiram de narrar sobre ser idoso e estarem ou não sozinhas. A afirmação ou negação fez-se necessária quase que espontaneamente. Esta constatação aparece também em outras duas entrevistas. Na sequência, trechos de João e de José:

Já tô com oitenta e sete, né? Daqui pra frente é só administrar esse pouco... Acho que não é muito pouco, ainda falta um pouquinho. E a vida é assim. Com alegria, graças a Deus. Eu tenho alegria. (...) É assim que tem sido minha vida, graças a Deus, não sei até que dia, espero que não seja logo, né? Mas tá bom. (...) Não pode desanimar, né? E até o dia que Deus quiser também. Não tenho medo de morrer, mas também não quero. E assim eu vou vivendo. (...) Minha esposa morreu e aí então fico aqui [na casa da filha], daqui vou pra casa de outra filha e de repente eu vou lá um pouquinho lá em casa, mas eu não vou muito também, porque lá fica só, né? Aí fico mais assim, passeando. Porque eu gosto da vida, eu gosto da vida. João

(...) Antes de tudo era começo de prosperidade, daí pra cá começou o fracasso da minha vida. (...) E agora eu estou aqui na Casa do Candango cumprindo, deixando cair as últimas penachas do corpo e as últimas folhas que a árvore derruba, né? E esperar a morte me levar e ver o que o Papai do Céu tem pra fazer comigo no dia da ressurreição dos mortos. Mas enquanto hoje eu ainda me sinto um homem feliz, graças a Deus. (...) Aqui eu sei que foi um lugar preparado por Deus pra mim, que aqui tem a benção do criador, do nosso Deus. Protegendo essa velharada que aqui estão, como vocês viram, que aqui todos esses que estão aqui, cada um é mais carente do que o outro. Carente de que, Seu José? Me pergunta: carente de que? Carente de uma nova vida. E essa nova vida não vem. Só vem quando o Papai do Céu levar para a Glória àqueles a quem o senhor se compadecer. (...) E eu fiz isso aqui, esse barracozinho, esse aconchego aqui, pra eu passar o dia, porque eu não gosto de tá muito movimentado, muito misturado com barulhada da velharada (...) Então aqui eu me entretenho com alguma coisa. (...) Eu cuido dessa horta (...) eu faço aqui as minhas reflexões espirituais (...). José

Afirmar-se enquanto idoso parece demandar logo na sequência um conjunto de explicações. Coincidentemente ou não, essas explicações dizem respeito ou a uma narrativa

de reivindicações ou de evidências de contentamento. Assim com Esmeralda, Naiara e Ádria fizeram, quase que espontaneamente, João e José já aprofundaram reflexões sobre as condições de suas vidas atuais.

João se aproxima de Naiara e Ádria no campo do contentamento. Ao falar que é administrar o que vem pela frente, parece dizer indiretamente da redução de possibilidades de se ter experiências mais ativas. Adaptou-se a esta realidade, resignou-se a essa situação? Já José é mais explícito. Está deixando as penachas caírem porque é carente de relações sociais inovadoras. É difícil para ele afirmar que faz parte desta “velharada”, mas por toda sua história narrada, não restam dúvidas, ele se sente igualmente carente de uma vida nova.

Contentar-se ou reivindicar parecem contraditoriamente fazer parte de um mesmo processo. Os interesses em jogo nesta luta não são apenas de ordem prática, mas também de ordem moral, pois, esta sociedade impõe a eles restrições das mais diversas ordens, seja no campo da aparência, seja no domínio da vida ativa (BEAUVOIR, 1990).

Neste sentido, em todos estes cinco relatos, é possível observar o ageísmo estrutural, cultural, econômico, que pode ser apontado como um fator histórico tão enraizado no social que concretamente diminui os horizontes de possibilidades destes adultos idosos (BUTLER, 1980) e os fazem apresentar um balanço de vida entre esses dois eixos: contentar-se ou reivindicar.

Interessante perceber que se trata não da falta de desejo por outra vida, mas de uma obrigação imposta. Isso se justifica porque, na esfera do privado, as redes de solidariedade estão diminuídas, os vínculos afetivos estão rompidos ou desaquecidos; na esfera pública, há a reprivatização da gestão da velhice (DEBERT, 1999), em que cada idoso se torna responsável por aquilo que lhe acontece, cabendo ao Estado garantias apenas gerais, muitas vezes, institucionalizadas de ageísmo. Ainda sobre esta questão, há um detalhamento na fala de José que possibilita exemplificar com mais clareza esse fenômeno:

O desejo de ser um caboco novo, brincalhão, é o mesmo. O desejo de ser um caboco herói no trabalho, na luta, é o mesmo. A semente ainda não morreu não, entendeu? (...) mesmo eu estando velho, se eu tivesse dinheiro, eu tava com a roupa de roceiro lá no meio da roça junto com meus trabalhadores, orientando e trabalhando e berrando, arremedando os bezerrinhos, chamando as vacas parida com os bezerrinhos. (...) Na minha imaginação sou um homem de 20 anos. Aí você vai e me pergunta, você ainda tem vontade de namorar? E aí [ininteligível]? Quem é que não tem vontade do que é bom, né, jovem? Ou você não tem? José

Os elementos trazidos por José, como o desejo de seguir em uma vida próspera, a falta de dinheiro, o desejo de namoro, revelam o quanto são minadas as possibilidades de

realizações nesta etapa da vida. Ele, como morador de uma Instituição de Longa Permanência, carece de perspectivas de futuro e de políticas que sirvam às suas necessidades, considerando a sua etapa de amadurecimento na vida.

Como aborda Herman Hesse (2018), envelhecer não é simplesmente enfraquecer e murchar. A etapa mais tardia da vida tem os próprios valores, tem magia, tristeza e sabedoria próprias, de forma que os desejos permanecem como moto da vida.

A problemática nessa questão, no entanto, pode ser explicada conforme aponta Beauvoir (1990) ao dizer que os mais velhos, quando não constituem qualquer força econômica, não têm meios de fazer valer seus direitos e, assim, suas vontades. Isto porque o interesse dos exploradores é o de quebrar a solidariedade entre os trabalhadores e os improdutivos, de maneira que estes últimos não sejam defendidos por ninguém. Então, recai-se na ambiguidade ora registrada, na qual os idosos apresentam uma espécie de contentamento ou de reivindicação, porém, com poucas armas para lutar.

Nesse sentido, confirma-se a reflexão que Ecléa Bosi faz (1994, p. 60) sobre a memória dos velhos que, longe de conseguirem obter novidades para contar sobre o tempo presente, adentram conscientemente e atentamente no próprio passado, ao que vai chamar da “substância mesma da sua vida”. Ou seja, carente de novidades, debruçam-se sobre o passado. Isso em si, não seria um problema, mas na sociedade que progressivamente substituiu a arte de contar histórias por informações precisas e bem-acabadas, o papel social das pessoas idosas fica ainda mais reduzido.

E, apropriadamente, quando tentam se desvencilhar desse passado, para caminhar nas novidades do mundo atual, encontram opressão, negação e constrangimentos. Ou seja, manifestam-se os mesmos desejos, sentimentos, reivindicações, correm o risco de escandalizar a sociedade. O amor, o ciúme podem parecer odiosos ou ridículos, a sexualidade abjeta, a violência irrisória (BEAUVOIR, 1990). É estar entre calar-se ou tornar-se o “velho reclamão”, ambos igualmente ignorados e silenciados nas mais diversas maneiras, por vezes, não pela família, mas pela estrutura de cidade, sociedade e dinâmicas intergeracionais. Segundo Robert Butler (1980), a sociedade tem o potencial de melhorar a vida dos idosos de inúmeras maneiras. No entanto, o preconceito histórico faz com que sofra consequências prejudiciais.

Na ausência de políticas públicas que neutralizem as problemáticas, reforça-se o caráter privado da gestão da velhice, retirando da preocupação social a necessidade de cuidar dos mais velhos com dignidade. Ou seja, repensar a questão dos mais velhos não vira pauta nas

agendas prioritárias (DEBERT, 1999) e, portanto, não possui solução fácil.

Presente em todos os entrevistados até o momento, com exceção da Naiara, observa-se uma diminuição dos relacionamentos e menor interação social nesse processo de envelhecimento. As narrativas outrora recheadas de pessoas, fatos e acontecimentos, dão lugar a conflitos emocionais, desejos não realizados ou a afirmação de um estilo de vida que tende a ter mais sonhos que concretizações. Na narrativa de Antenor, que é apresentada a seguir, há um outro elemento para acrescentar a este debate:

Pra mim não marcou nada o envelhecimento, eu me sinto como se eu tivesse hoje quarenta anos(...) até hoje eu não me sinto velho, não me sinto. Você não tem idade pra você ser feliz, você não vai sentir isso, o envelhecimento, você não vai sentir que está ficando velho. Eu não sinto com 82 anos. Não sinto absolutamente. Às vezes até eu penso: poxa, mas eu tenho que pensar que eu sou velho, não tem jeito. Aí apenas pra ilustrar. (...) Em termos de coisa física nada. Eu estou me desligando das coisas físicas já faz tempo, o físico pra mim está morrendo. (...) Então eu oro das três, quatro horas da manhã até às 11h, depois vou pro almoço [ininteligível], almoço e a partir das quatro ou mais tarde, quando tem alguma coisa, eu oro mais duas, três horas. Isso já faze quinze anos. Antenor

Os elementos narrados por Antenor apresentam um homem adulto ativo, com trabalho diário e relacionamentos com muitas amizades. Nos últimos 15 anos, porém, ele passa a maior parte do tempo em orações. Teria Antenor se contentado com essa realidade ao ingressar na vida de idoso? Ou lhe faltam outras possibilidades? Portanto, assim como não é explicitado em outras narrativas, só se é possível interpretar esta redução de interação social, observando-se as histórias de vida.

De acordo com Anselm Grün (2011), é preciso que todos os indivíduos se preparem para lidar com a solidão da velhice, porque nem sempre será negativa, pode representar um momento de reconexão com o íntimo. De alguma forma, essa abordagem auxilia na compreensão dessa rotina diária do Antenor.

Um outro ponto na fala do Antenor deve ser destacado. Começa afirmando que não se percebe com idoso e, assim, refuta o estereótipo da velhice. Para Debert (1999), desde a segunda metade do século XIX, a velhice é caracterizada por um conjunto de imagens negativas. Então, quando relata que não se sente velho, o que ele procura é afastar a imagem culturalmente disseminada do idoso frágil, vulnerável e dependente. Este conceito se aproxima de uma ideia de negar o que esta velhice representa e evidencia, que é possível outro tipo de estereótipo do envelhecimento, mesmo que no registro de sua rotina seja possível observar um afastamento do social.

De forma diferente, o casal Delfino e Malena narra como vê o envelhecimento:

Eu falo pro Delfino que a nossa cabeça ainda não ficou tão velha. Porque quando você vai ficando mais velho você vai se isolando automaticamente, porque você não comunga com a ideia dos mais novos. São ideias completamente diferentes, mas eu sou mais aberta então eu tenho facilidade pra conviver com a modernidade (...) Malena

Nós não, tanto assim, ainda não chegou essa solidão e espero que não chegue. Delfino

Então sempre tem companhia. (...) Então a gente não vive essa fase da solidão, que eu inclusive eu tenho medo da solidão. (...) E, eu tenho uma comunidade hoje [Neocatecumenais] eu me apoio nela pra tudo. (...) Os irmãos dão apoio. (...) Comunidades que tem pessoas mais idosas, elas não ficam apodrecendo lá no canto não. Malena

Ao apresentarem esse relato, informam sobre a necessidade dos encontros, das trocas, da interação social como algo que afasta o envelhecimento. Ao falarem que “ainda” não vivem essa solidão, justificam o porquê que não se consideram idosos. As diferentes subjetividades e práticas cotidianas entre o casal e Antenor representam as heterogeneidades no envelhecer. Não há lugar comum, único e exclusivo. E, apenas nesta análise em profundidade é possível identificar essa questão.

Além destas narrativas, cabe destacar um ponto verificado em todas as falas que é o auto ageísmo (LEVY, 2003). Frases ditas como: “a nossa cabeça ainda não ficou velha”; “eu não sinto com 82 anos”; “só tenho físico de 73, só a velhice dos 73 anos no físico, mas a minha cabeça não”; “na minha imaginação sou um homem de 20 anos”; “hoje eu tenho 85 anos, mas ainda faço minhas coisas” é possível perceber características de auto estereótipos sobre envelhecimento.

Neste sentido, ao narrarem suas histórias, fruto de um sistema de opressão estruturante do social, precisam negar a própria idade e determinado estereótipo de envelhecimento para afirmarem que se sentem bem de alguma forma. Este é um tipo de ageísmo, conforme explica Levy (2003), frequentemente validado no social que muitas vezes opera abaixo da consciência. Ou seja, no modelo de desenvolvimento de auto estereótipo o indivíduo agrega certos valores ageístas já na infância, reforça na vida adulta e reproduz na vida idosa. Esta realidade tem sido cada vez mais evidenciada, conforme apresenta o primeiro Relatório Global das Nações Unidas sobre ageísmo (OMS, 2021).

Ádria, Naiara, João e Antenor, com histórias de perdas e menor interação social encaram esta fase da vida mais próximos de uma ideia de contentamento. Ao contrário, Angélica e José narram mais indignação quanto as suas condições. Seus desejos são expressos com maior ênfase atrelados a uma certa dose de desesperança. No extremo, tem-se a Esmeralda, entre todos, a que mais explicitamente expõe os sentimentos de sentir-se só,

isolada. E, por fim, o casal, que ao fazer tudo junto, não se percebe como pessoas idosas, pelos hábitos diários que cultiva, coloca em um horizonte distante a possibilidade de talvez vir a ser idoso um dia.

Religiosidade, comunidade, família, dinheiro e moradia foram fatores identificados nestes relatos. A religião ou o chamado a Deus apresentou-se como suporte, os relatos de vida comunitária foram mais restritos, mesmo para aqueles que vivem em espaços coletivos de moradia. A questão do dinheiro, expressa por alguns, evidenciou a necessidade para continuar sonhando e realizando. E, por fim, a família. Foi possível observar que não há correlação direta entre número de membros e vida menos solitária. No sentido de caminhar para a finalização do artigo são apresentadas as perspectivas de futuro de cada entrevistado.

4) Temporalidades transversas: o futuro é agora

Diante das trajetórias é possível evidenciar pluralidade e heterogeneidade das histórias de vida. As experiências relatadas se contrapõem às histórias dominantes e homogêneas sobre o envelhecimento que, muitas vezes, negam esta etapa celebrando o “rejuvenescer” ou a apresentam como a etapa do frágil, adoecido, vulnerável, incapaz e carente de função social.

Neste sentido, os relatos que são descritos a seguir representam algumas perspectivas de futuro ou pensamentos centrais sobre suas condições de vida. Alguns segredos são revelados e possibilitam a visão do todo de cada pessoa idosa participante da pesquisa. Eventos do passado e do presente se misturam nesta composição.

Esta última parte está organizada em três blocos. No primeiro, os relatos da Ádria, Naiara, João e Antenor. A seguir, no segundo bloco, são apresentados Angelica, José e Esmeralda. E, por fim, Malena e Delfino.

Tem que de ter fé em Deus, tem de fazer as coisas com coragem, com responsabilidade. A responsabilidade é a melhor coisa do mundo(...) E pensar que a vida não é eterna e que a gente tem um tempo de vida e que a gente tem que fazer o melhor que puder pra ser feliz (...) É um país que nos encare como somos e não como aquilo que eles queriam que a gente fosse, entendeu? Eu sou isso. Ádria

Desde pequena eu tive essa história de quando eu não acerto com a pessoa, eu fico “meu deus, o que tá tendo? (...) Quando você fica tropicando no compasso você tem que parar e falar: uai, o que tá acontecendo? Rumbora acertar este passo? E eu acho que é isso, eu praticava a gratidão e eu não sabia a palavra gratidão. Agora que o pessoal tá em moda dizer gratidão, eu sempre agradei, mas não sabia. Naiara

Uma coisa é verdade, você quanto mais velho fica, você vai tendo mais experiência. Da própria vida. Mas uma coisa também é verdade, você pode tá com cem anos, que é muito pouca pessoa chega, mas se você tiver o cuidado, você tá sempre aprendendo

com uma criança, né? Então viver é aprender e morrer sabendo pouco ainda, né? A felicidade ela é relativa, felicidade. (...) Eu acho que eu sou feliz. (...) Olha, uma coisa eu aprendi, eu gosto de conversar comigo mesmo. Eu fico numa... O silêncio pra mim é um companheiro amigo. João

Dentro de mim não tem vazio. Tem do meu cérebro, mas coração não. Meu cérebro eu sinto o vazio, mas meu coração está super preenchido e com ela [esposa] muito mais. Antenor

O fechamento para estes quatro entrevistados pode ser analisado a partir do que Grün (2011) traz sobre o envelhecimento ao apontar que este tem seu sentido próprio e traz dentro de si um desafio todo seu, único. Isto é, ao encontrar um sentido da velhice é possível valorizar a proteger um tesouro da sociedade. Naiara, ao falar em gratidão; Ádria, ao trazer o tema da responsabilidade; João, ao respeitar o silêncio e a sabedoria; e Antenor, com a perspectiva de fortalecimento interno, trazem noções do subjetivo que os fortalecem. Paralelamente a esta análise, pode-se trazer a reflexão final de Delfino e Malena que, passados cinquenta anos juntos, não sabem o que é particularidade:

Eu vou envelhecer junto e nós vamos morrer pertinho um do outro. Ou se possível junto. Porque imagina hoje se a gente é obrigado a se separar, se um morre. Como é que nós vamos viver? Malena.

É uma coisa... Nós nos perguntamos isso. Delfino

Eu falo de vez em quando, como é que a gente vai tocar a vida se um morrer? Porque a gente não sabe fazer nada sozinho. Malena.

Como afirma Cícero, pensador romano que questionou as consequências da idade, (p. 25, 2019), “ninguém é bastante velho para não esperar viver um ano mais”. Refletir sobre o casal que envelhece junto é adentrar em subjetividades alternativas onde o medo do futuro não está só em si, mas no outro. E, quanto de dependência possuem nessa relação para o bem-estar que encontram no agora.

Diferente deles, no entanto, tem a reivindicação de José, Angélica e Esmeralda. Em um sistema de sociedade que condena parte das pessoas idosas a uma vida mutilada (BEAUVOIR, 1990), envolta de ageísmo, perceber como eles têm lidado com essas questões é aproximar-se diretamente da fonte de sabedoria.

Tão bom se tivesse uns campos como aqueles lá, cheio de ovelha, cabra, pastando, né? É tão gostoso. Esse ainda é o meu desejo. Mas não sei se a minha idade já tá avançada, não sei se tenho mais tempo pra isso. Se eu tivesse dinheiro ainda tinha tempo, porque três dia que trabalhasse lá e depois morresse eu deixava pros meus filhos. Mas não tem. Sem dinheiro o que a gente faz? Nada. Tem horas, nessa parte, é aonde você se sente como um leão amarrado. Você sabe que o leão amarrado ele sofre, não sofre? Por quê? Porque ele tem desejo de voar em cima de um e não pode porque tá amarrado, ele tem desejo de sair daquela jaula e sair correndo no campo que é a vida dele, mas não pode porque tá amarrado, tá preso. Vontade de fazer as coisas e não posso. Vontade ainda

de ser um homem próspero. É o que eu tenho mais vontade aqui na Terra. O que eu falo para os jovens, se for possível grava e expande para toda a juventude, Eclesiásticos, capítulo 12, está escrito: (...) lembra-te do teu criador nos dias da tua mocidade, para que vindo sobre ti a velhice, o cansaço, não venha tu dizer: não tenha contentamento na vida. José.

É bobagem chegar e dizer pro jovem: vocês respeitem os idosos porque vocês vão chegar à idade da velhice também e vocês vão querer também ser respeitados. Não é essa a fala de todo mundo? Isso é válido, mas não é por aí. O fato é mais profundo (...) Teriam que ter a sensibilidade de perceber o isolamento que dão ao idoso, porque o idoso ele é isolado mesmo, mas se ele tiver quem supra essa necessidade de poder conversar de vez em quando com ele, de ouvir história, ô, eles adoram isso. É mais por esse lado, de ser mais humanos, não é de pensar você vai ser velho também. Angélica.

Os idosos é que mais precisa dos novos, né? No tempo que eu era nova eu resolvia tudo sem pedir, hoje eu tô idosa, eu preciso. Esqueço. A gente esquece. Tem dia que eu esqueço panela queimando, esqueço torneira aberta. Tudo isso tá acontecendo por causa da gente é idoso, né? Aí preciso da ajuda dos mais novo, que tem a cabeça mais nova que a gente, né? Precisa, precisa muito. A vida da gente é assim. Esmeralda.

Para estes, se lhes falta força e saúde, sobra um desejo de revolução e mudança. Conforme afirma Grün (2011), para que o envelhecimento seja bom e gostoso, há necessidade da comunidade. Por meio dos encontros, das redes de amigos, vizinhança os desejos poderiam ser realizados. Enquanto não o fazem, usam as armas que têm: o dom da fala, da razão e clamam por encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nove histórias de vida de pessoas idosas apresentadas no artigo possibilitaram compreender, em profundidade, as características subjetivas e sócio-históricas que têm o potencial de isolamento social.

Sentimentos de desconexão com a família, relações desaquecidas com a comunidade, pouca troca intergeracional, luto, falta de dinheiro, condições de adoecimento, pouca oportunidade nas instituições e nas cidades são características associadas a maior isolamento. Por outro lado, fé, trabalho, relacionamento afetivo, autossustento, prospecção de futuro e sentimentos de gratidão e contentamento são relacionados a menor isolamento social e maior relato de satisfação com a vida.

Apesar de compartilharem do território em comum, fazerem parte da primeira geração de pessoas que envelheceram na região metropolitana de Brasília, as diferenças econômicas, sociais e históricas marcaram suas trajetórias de forma variada. O indivíduo mais idoso, Esmeralda, apresentou maiores evidências de isolamento social. Todos os demais, com exceção do casal e Naiara, pelas histórias de vida, foi possível perceber frequência reduzida de

interações sociais. Como tema transversal, o ageísmo foi identificado em diversos momentos e, por vezes, justificou a redução de oportunidades.

Na sociedade de hoje, refletir sobre o envelhecimento é pensar como um projeto-ação porque implica uma condição na qual, invariavelmente, todos têm o potencial de chegar. Neste sentido, a contribuição está em expandir os mecanismos de reconstrução dos laços sociais, garantir diversidade nas moradias, com ofertas que não limitem as pessoas, efetivar as políticas de renda aos mais velhos, repensar as dinâmicas da cidade, de emprego e lazer e expandir o encontro entre jovens e pessoas idosas, minimizando os efeitos do auto-ageísmo e do ageísmo interpessoal e institucional.

AGRADECIMENTOS

O presente estudo é parte do resultado de tese de doutoramento da autora principal, desenvolvido sob orientação dos pesquisadores e professores coautores, realizado na Universidade de Brasília, Brasil, pelo programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. A pesquisa foi financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal – FAP-DF (Edital 03/2018, protocolo: 23261.93.28561.29052018).

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence (2010), **Análise de conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições, v. 70.
- BEAUVOIR, Simone. (1990), **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BENJAMIN, Walter. et al. (1983), **Textos escolhidos**. Abril Cultural.
- BENJAMIN, Walter. (2012), “O Narrador: Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov”. *In: Obras escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- BHABHA, Homi Kharshedji. (2005), **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora. UFMG, Coleção Humanitas.
- BOSI, Ecléa. (1994), **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeções da população por sexo e idade** (base de dados), 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 05 de jan. 2021.

BUTLER, Robert Neil. (1980), "Ageism: A foreword". **Journal of social issues**, v. 36, n. 2, p. 8-11.

CÍCERO, Marco Túlio (2019), **Saber Envelhecer / A Amizade**. Porto Alegre: L&PM Editores.

DEBERT, Guita Grin (1999), **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. Edusp.

FAUSTINO, A. M.; GANDOLFI, L.; AUTORA.

GRÜN, Anselm (2011), **A sublime arte de envelhecer e tornar-se uma bênção para os outros**. Prior Velho: Paulinas.

HESSE, Hermann (2018), **Com a maturidade fica-se mais jovem**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record.

LEVY, Becca Mind Matters: **Cognitive and Physical Effects of Aging Self-Stereotypes**, The Journals of Gerontology: Series B, v. 58, n. 4, July 2003.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda (2018), "Envelhecimento e saúde coletiva: estudo longitudinal da saúde dos idosos brasileiros (ELSI-Brasil)". **Revista de Saúde Pública**, v. 52, p. 2s.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. (2013), "Fios de testemunhos de lutas: memória, imagem e história oral" In MARCAS DA TERRA, MARCAS NA TERRA. **Um estudo da terra como patrimônio cultural e histórico - Guarantã do Norte-MT (1984-1990)**. Brasília, Ed. UnB.

MARMOT, Michael.; ALLEN Jessica (2014), "Social Determinants of Health Equity". **Am J Public Health**. September; 104(Suppl 4): S517–S519.

MAUSS, Marcel (2003), **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify.

NUSSBAUM, Martha; LEVMORE, Saul. (2017), **Aging Thoughtfully: Conversations about Retirement, Romance, Wrinkles, and Regret**. Oxford University Press.

OMS. (2017). Ageing, older persons and the 2030 agenda for sustainable development. **United Nations Development Programme**; New York.

OMS. **Global report on ageism**. Geneva: World Health Organization; 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte (2012), "Transição demográfica: a experiência brasileira". **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 539-548. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2021.